

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS: EU SOU UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS¹

Viviane Cabral Bengezen²

“*I’m a storyteller.*” É assim que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie inicia sua palestra no *TedTalk* “*The danger of a single story*” – “O perigo de uma história única”. Inspirada por Chimamanda, também decidi iniciar este ensaio dizendo que eu sou uma contadora de histórias. Sou uma pesquisadora narrativa, interessada em investigar histórias vividas por docentes e discentes, vividas em contextos educacionais. Conheci a história dessa escritora pela internet, em 2011, ao assistir o *TedTalk* no qual ela fala sobre o perigo dos estereótipos. Desde então, tenho usado seu vídeo com muitos alunos com os quais trabalhei até hoje, e me pergunto se seria possível acessar esse conhecimento e compartilhá-lo com meus alunos, se não existisse a internet. Pois essa é uma história que não se aprende nos livros.

Eu me pergunto, também, se tenho trabalhado com práticas inovadoras em minhas tentativas de autoria docente. O que seria inovador, quanto ao trabalho com as novas tecnologias? O que seria esse “novas”? E o que são as tecnologias usadas em sala de aula, nos processos de ensino e aprendizagem? Essas inquietações fazem com que eu me lembre de um grupo de

brasileiros que foi para a Finlândia, e encontrou com uma professora de lá que alfabetizava com *tablets*. Um dos brasileiros perguntou à professora finlandesa: “mas como faz, quando a criança está sem o *tablet*?” E a professora respondeu: “faz como você, quando não tem a caneta: não escreve”.

Quando pensamos em novas tecnologias, muitas vezes não nos damos conta de que a caneta é uma tecnologia... ou de que o *tablet* é outra tecnologia... Temos o quadro, o giz, o pincel... as tecnologias que usamos para produzir textos, por exemplo... e quando paramos para analisar, percebemos que estamos em 2017! Alguns filmes do passado, viam o futuro, que é o hoje, com carros voando...

Bem... hoje não usamos carros voadores no nosso dia a dia, mas utilizamos várias tecnologias digitais. Mas será que nós, professores, estamos sendo autores de uma prática inovadora, crítica e reflexiva? Ou estamos transferindo as aulas conservadoras, expositivas, com transmissão de conteúdos, para os *slides*? Seria uma mera mudança do quadro para o telão?

Os jogos, por exemplo. Entendo que eles são poderosos..., mas o que será que um jogo deve ter para criar oportunidades de aprendizagem? Será que todo mundo gosta de aprender com jogos? Será que os jogos educativos são realmente educativos? Ou

<p>Folha Acadêmica do CESC ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>Número XV jul-set 2017</p>	<p>Trabalho 02 Páginas 05-07 periodicoscesg@gmail.com</p>
---	-----------------------------------	---

deseducativos? Duolingo é um jogo? Ou apenas uma forma mascarada de ensinar e aprender línguas com ênfase na gramática, ortografia e repetição sem reflexão?

Em relação aos espaços de aprendizagem, penso nas cadeiras em círculo, e nos debates. Lembro-me de uma indígena que conheci no Canadá, que fez a gente se sentar em círculo, no chão, e disse: “isso é muito comum para o meu povo, pois assim entendemos que sempre podemos compartilhar, que o conhecimento circula, que ninguém é superior a ninguém, e que esse círculo sempre pode aumentar.”

Há algo que eu posso afirmar: eu tento. Tento constantemente. Ao longo desses anos, aprendi a ver minha prática como contínuas tentativas, buscando criar oportunidades e espaços para os alunos criarem, inovarem, produzirem, serem protagonistas e serem autores, à medida que eu aprendo que professora e que mulher é essa que estou me tornando. Quando eu era professora do sexto ano em uma escola pública, o resultado do trabalho de mais de cem alunos foi compilado em um livro digital (BENGEZEN, 2016) contendo 126 textos, entre letras de música, frases de camiseta, poemas, tirinhas, animações, legendas de fotografias e nuvens de palavras, tudo escrito em inglês, produzidos pelos meninos e meninas de dez a treze anos, em 2014.

Usamos diversas ferramentas digitais para aprender a língua inglesa como o *Edmodo*, o *Voki*, o *Whatsapp*, o *Wordle*, o *Stripgenerator*, o *Quizlet*, o *Anki*, o *Domo animate*, o *Bitstrips*, o *Poetry for kids*, o *Educanon*, o *Photo peach*, o *Little Bird Tales* etc. Mas muitas vezes, mesmo trabalhando com todas essas tecnologias digitais, e buscando compartilhar autoridade com meus alunos, a história sagrada³ da educação me obrigava a reproduzir práticas velhas e ultrapassadas... a solução que encontrei foi dividir as aulas e os espaços: na sala de aula, vivíamos histórias de fachada, que se adequavam às histórias sagradas da instituição, e no laboratório de informática, com os computadores e a internet, vivemos histórias secretas.

A história sagrada da educação se refere aos testes padronizados, que servem para medir o conhecimento das pessoas e a qualidade das instituições. Que não respeitam os talentos de cada aluno, nem seu próprio ritmo, nem a diversidade. Que valorizam a memorização de conteúdos para fazer provas.

A história secreta que nós, professores, podemos viver, são possíveis quando criamos espaços seguros e quando viajamos para o mundo dos alunos. Vivemos, também, histórias de fracasso. É um processo doloroso contar algumas histórias de desassossego e de vulnerabilidade. Aprender é doloroso, pois envolve

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XV jul-set 2017</p>	<p>Trabalho 02 Páginas 05-07</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

transformação. Fazer algo de inovador na escola não é fácil, mas é possível, quando alunos e professores compartilham autoridade, quando há liberdade, responsabilidade e trabalho colaborativo, quando há negociação e relação ética.

REFERÊNCIAS

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, M. *Teachers' Professional Knowledge Landscapes*. New York: Teachers College Press, 1995. 179 p.

BENGEZEN, V. C. (Org.). *We are the authors*. Disponível em:

<<https://www.widbook.com/ebook/brazilian-authorship>> Acesso em: 18 jun. 2016.

¹ Este ensaio é baseado em uma mesa redonda da qual participei no evento “Jornada de Práticas Pedagógicas Inovadoras”, no IFTM Campus Patrocínio, em 3 de junho de 2017.

² Doutora e mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia e graduada em Letras pelo Centro Universitário São Camilo. Professora da Universidade Federal de Viçosa Campus Rio Paranaíba. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6299135330351127>.

³ Baseio-me nos conceitos dos autores canadenses Clandinin e Connelly (1995), que entendem o conhecimento do professor em termos de histórias sagradas, secretas e de fachada.

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XV jul-set 2017</p>	<p>Trabalho 02 Páginas 05-07</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	